

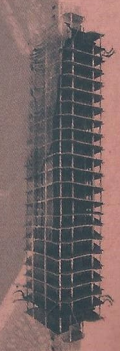
Sumário

- 02** Mapa Astral do Congresso Extraordinário da Fortaleza de Anható-Mirim
- 04** Beatriz Lemos – *Onde estão as mulheres?*
- 10** Paulo Miyada – *O extraordinário do congresso da fortaleza sem ilha de Anható-Mirim, descrito obsessivamente*
- 14** Raquel Stolf – *Abafador de ruídos*
- 18** Kamilla Nunes e Júlio Martins – *Eu preferiria não fazer (I would prefer not to)*
- 32** Maria Montero – *Dez minutos, uma semana, um ano*
- 35** Rafael RG – *Tudo poderia ter sido diferente do que foi da forma que conhecemos*
- 36** Fernando Boppré – *Se caso não houvesse rompido o pampeiro sujo na ilha de Santa Catarina aos oito de junho do ano da graça de dois mil e quatorze, dia da realização do congresso Extraordinário da Fortaleza de Anható-Mirim, ter-se-ia avistado e tomado ciência das seguintes notícias:*
- 42** Nelson Félix – *Concerto para encanto e anel*
- 44** Jorge Menna Barreto – *Anotações sobre suco específico*
- 50** Santiago G. Navarro – *Afinal, quando vamos ser sul-americanos?*
- 56** Gabriela Motta – *Prólogo – Sobre caminhos enviesados no qual cruzam-se experiências andantes e sentantes*
- 62** Andreza Gomes – *A.G. x A.V. – Je avec Agnès Varda*
- 66** Marta Mestre – *Visto bueno*
- 68** TiroTTi – *Apêndice*
- 3/70** Bernardo Zabalaga

Legendas

- 07** Do Women Have to be Naked to Get Into the Met. Museum? Cartaz de Guerrillas Girls, 2012.
- 05** Performance de Rafael RG
- 17** Curadores residentes em visita à Ilha de Anható-mirim
- 31** Abafador de ruídos de Raquel Stolf. Ação na praia da Joaquina.

ACOES
CURA-
TORIAIS
2014



Você acha curioso ou inusitado esta pergunta aparecer aqui, em uma publicação de um encontro de curadores? Pode ter certeza que nada tem a ver com o fato deste encontro ter sido organizado por três mulheres. Também nada tem a ver com o dado de que éramos 10, as vezes 12, as vezes 20 pessoas compartilhando processos e, independente das configurações, sempre estávamos em maioria de mulheres. Aliás, a população brasileira é composta de quase 4 mulheres para cada 1 homem (são 3,9 milhões de mulheres a mais que homens). Eu venho de uma cidade que para cada um são 10 mulheres. Mundialmente, a percentagem se equivale um pouco mais, ao ponto de quase chegar a 50% para cada (homens são mais numerosos em 1%). São 3.561.051.160 mulheres no mundo, mas, ainda assim, os homens ocupam um número significamente maior de cargos de poder e, em muitos casos, mesmo realizando as mesmas funções profissionais que uma colega mulher seus salários são mais altos. Apenas por serem homens. Sim, isso ainda é uma realidade em 2014.

Esta publicação foi idealizada coletivamente pelos 10 curadores residentes. Levantamos em lista os assuntos mais pertinentes que surgiram naquela semana entre as tardes na pousada, visitas a espaços de arte pela cidade, ateliês de artistas, falas na universidade, no passeio de barco, nos encontros com ilhas e nas noites de cantorias à beira-mar. A intensidade desta residência foi de tal tamanho inesperado, se mesclando maneiras pessoais de ser com práticas de como fazer/atuar profissionalmente. Ou seja, se a experiência coletiva de residência é confundir vivências e se deixar afetar pelo outro o Ações Curatoriais foi um bom trabalho para todos nós. Sim, we are just working now. Desta lista de aflições e instigações que nos arrebatou durante aqueles dias, cada um escolheu o assunto que, por afinidade, gostaria de escrever, pensando em qual poderíamos dar o melhor de si em poucas páginas. E eu fiquei com a frase que dá o título desse texto.

Estávamos todos reunidos na varanda da pousada para uma das tarefas mais prazerosas desta

profissão da curadoria, que é o momento de revirar o arcabouço de artistas que conhecemos, acompanhamos e gostamos para dar corpo ao Congresso Extraordinário. Tínhamos uma variante que não era uma escolha apenas por obras, mas pela fala do artista que deveria ser dirigida a um público específico – pessoas ligadas à arte ou não, que viriam das cidades catarinenses contempladas com o projeto – e que pudesse reunir questões pertinentes dos universos de suas pesquisas artísticas com o nosso naquele então em que estávamos submersos entre ilhas. Éramos 10 curadores ativos, de diferentes cidades do país e uma lista de quase 20 nomes de artistas, onde a maioria esmagadora de nomes citados eram de homens. Nenhuma artista mulher. E por que isso acontece? Não conseguimos responder de imediato. Mesmo pausando o brainstorm de nomes e exemplos de trabalhos para questionarmo-nos sobre o fato e mesmo que chegássemos a uma definição final que não contemplasse as artistas foi frustrante e constrangedor não haver sequer uma sugestão feminina para as oratórias¹ que condissesse com nossas expectativas. Pelo menos naquele momento de urgência.

Por incrível que pareça, esta constatação se repete com frequência em muitos momentos como este, decisivos na curadoria. Contudo, raramente são expostos a público

ou simplesmente passam despercebidos por curadores – curadoras mulheres inclusive. Basta uma rápida pesquisa em artistas selecionados ou convidados para grandes ou médias exposições coletivas ou uma olhada no staff de galerias pelo mundo para ter uma ideia desta desproporção. Com certeza não é pela quantidade de mulheres artistas no meio da arte ou tão pouco pela qualidade de seus trabalhos. É notório exemplos de artistas que fizeram e fazem a história da arte recente e que se fazem presentes na arte contemporânea ativamente em suas múltiplas linguagens e reflexões. E se formos adentrar em expoentes da arte brasileira chegaremos na maioria à mulheres, curiosamente. Assim como, na música ou literatura. O que de fato acontece então?

Vivemos e somos todos parte de uma estrutura cultural patriarcal. E o meio da arte apenas reproduz o que acontece em todos os demais meios profissionais. São muitas as mulheres trabalhando nas mais diferentes áreas, cada vez mais assumindo ofícios antes ditos masculinos, liderando equipes, chefiando empresas, tocando instrumentos musicais. Muitas cientistas, engenheiras, astronautas, policiais, políticas, motoristas. Porém, ainda são raros os empregados domésticos, cozinheiros (quando não chefs de cozinha), cuidadores de crianças, bordadeiros. A luta pela inclusão

da mulher no mercado de trabalho não se deu no episódio histórico há mais de 100 anos atrás. Acontece desde então, diariamente. Segundo dados do IBGE, em 2010, o percentual de mulheres no Brasil com curso superior é maior 16,3% em relação aos homens, porém já para o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) os dados de 2011 indicam que a participação das mulheres no mercado de trabalho é inferior 21,3%. Ou seja, as desigualdades de gênero existente na sociedade brasileira (que não se difere muito da realidade mundial) são relacionadas mais a questões culturais e sociais do que econômicas, constituindo assim, a representação social da mulher no trabalho, na família e nas relações de afeto.

O maior contingente de mulheres no mercado de trabalho é composto pelo serviço doméstico remunerado, sendo no geral mulheres negras, com baixo nível de escolaridade e com os menores rendimentos da sociedade brasileira. As carreiras que seguem em maior número são professoras, cabeleireiras, manicures, funcionárias públicas ou trabalhadoras em serviços de saúde. Apenas 20% de mulheres empregadas ocupam as demais áreas profissionais existentes no país e, ao exercerem suas ocupações, são corriqueiros os casos de opressão e machismo. No que diz respeito ao mercado informal, a presença da mulher é superior a do homem

em 13%, sendo que a mulher negra tem uma taxa 71% superior à dos homens brancos².

Estas estatísticas são atuais e nada mais comprovam que para uma análise crítica da situação da mulher no mundo do trabalho é necessário o entendimento de convenções arraigadas em nossa sociedade e a reformulação deste quadro passa pela revisão das funções sociais da mulher, além da noção convencional do que seja trabalho e suas formas de avaliação/validação.

A divisão do tempo entre trabalho e vida pessoal no mundo contemporâneo é para homens e mulheres uma tarefa cada vez mais etérea. No universo das artes, muitos de nós (e aqui relembro as conversas exaustivas sobre o tema entre os curadores residentes na varanda da pousada em Santo Antônio), vivemos a angústia de não alcançar o tempo eficiente para as demandas da vida e passamos dia a dia acelerados em busca de solicitações inerentes à nossa profissão. Apesar de a curadoria ser uma prática deveras exigente na atualização de visões de mundo, esta exigência de “ter que dar conta” pertence a toda população economicamente ativa, mas também para a mulher que trabalha em âmbito familiar não remunerado. Esta função, embora contribua para a renda familiar, não entra em análises estatísticas no contexto brasileiro e tão pouco possui valorização social, o que



constata que a dupla jornada feminina (trabalho e casa) ou a dedicação ao lar (donas de casa) são ofícios incorporados como naturais à nossa cultura, tendo arcaicas conjunturas para quebras de paradigmas. Em paralelo, os impedimentos de ascensão profissional da mulher recaem, quando não se tratando somente de estruturas organizacionais de trabalho machistas ou misóginas, na condição da maternidade. O pânico vigente instaurado em grandes corporações de que uma profissional competente tenha que se ausentar para ter filhos, beira a estupidez humana, mas causa a inevitável desistência de muitas mulheres do direito de serem mães.

Voltando ao contexto da arte, a condição de trabalho da mulher ainda encontra uma tímida reflexão em pesquisas artísticas no Brasil. Em um panorama geral, a produção brasileira com interesse em políticas da mulher, voltou-se para abordagens acerca do universo subjetivo feminino, negando ou até mesmo rechaçando discursos

feministas que colocassem em xeque a dualidade de poder social entre gêneros. Esta escolha de não confrontação com a realidade patriarcal e falocêntrica do mundo condiz com o perfil de nossa sociedade, visto o histórico de luta por inserção, absorção e compreensão do próprio movimento feminista no país. Contudo, não há como negar presenças referenciais de artistas como Tarsila do Amaral, Lygia Clark, Márcia X, Letícia Parente que, independentemente de posicionamentos pró ou contra as diretrizes do movimento político, inauguram na arte brasileira o discurso crítico da mulher e sobre a mulher como representação na sociedade. São as obras dessas artistas que abrem caminho para uma produção atual de jovens artistas que ativam uma maior consciência política da condição feminina no mercado de trabalho, como Graziela Kunsch, Cristina Ribas, Denise Alves-Rodrigues, ou do direito da mulher na gerência do próprio corpo, como Sara Panamby, Michelle MatiuZZi, Cíntia

Guedes, Fabiana Faleiros e algumas ações ativas-performáticas como o trabalho Xereca Satânica, do coletivo Coiote, ocorrida este ano no Campus da UFF - RJ, que gerou polêmica abissal, chegando à ameaças de estupro corretivo (visto que o sexo sem consentimento é uma arma de poder do homem sobre a mulher) nos meios sensacionalistas de comunicação de massa³.

Enfim, somos apresentados ao mundo através do olhar da mulher (mãe), contudo a um mundo construído por homens. Da linguagem aos códigos sociais. Uma base estrutural que vai muito além da classificação de gênero entre masculino e feminino. O que ficou claro para nós, curadores em residência, lá, naquele momento descrito no início do texto, é que, se por uma especificidade do meio, são os curadores que detêm o aval de escolha e seleção e, assim, legitimação da/do artista, a verdadeira inserção e não apenas tolerância da mulher na arte também depende de nossas decisões políticas enquanto profissionais. É necessário fugir do receio de que o assunto se trata de medidas sociais de cotas – ponto de vista muito característico da elite – e ampliar a reflexão sobre a real presença em números, não só de mulheres, mas também de negros, pobres ou representantes LGBTQTT. Redesenhar mundos é um dos ofícios mais potentes de um curador.

Ações Curatoriais

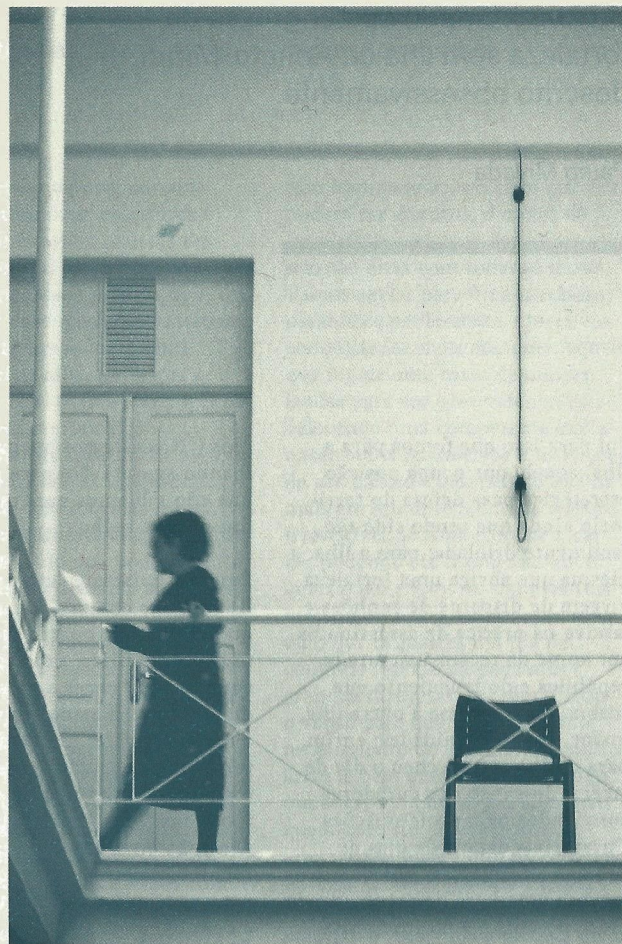
– 8

Em onde mesmo estão as mulheres? Estão aqui, ali e lá, todas em ação, atentas às micropolíticas do cotidiano.

1. A artista Raquel Stoff participou do Congresso Extraordinário com um trabalho de intervenção, intitulado "Abafador de ruídos".

2. Dados de pesquisa do BNDES e PNUD.

3. Para saber mais sobre este trabalho, sugiro o texto "O caso das xerecas satânicas contra as boas almas inquisidoras", escrito por Sara Panamby para a revista virtual Pulso, n.1 (<http://www.plataformapulso.com>)



Peço de
volta toda
porção que
me pertence.
Mas que
a memória
permaneça,
para aqueles
depois de mim.

Ações Curatoriais

Organização

Beatriz Lemos
Kamilla Nunes
Marta Mestre

Curadores

Andreza Gomes
Beatriz Lemos
Fernando Boppré
Gabriela Motta
Júlio Martins
Kamilla Nunes
Maria Montero
Marta Mestre
Paulo Miyada
Santiago Garcia Navarro

Artistas

Bernardo Zabalaga
Carlos ASP
Jorge Menna Barreto
Nelson Félix
Rafael RG
Raquel Stolf

Colaboração

Karina Zen
Cláudia Cárdenas
Bill Luhmann
Gregori Homa

Design Gráfico

Leandro Pitz

Produção

Elisa Schmidt
Sarah Pusch

Fotografia

Giba Duarte
Sarah Push
Elisa Schmidt

Filmagem e edição

Rosana Cacciatori

Som

Rodrigo Ramos

Assessoria de Imprensa

Luciana de Moraes

Programação visual do catálogo

Estúdio Drüm

Abertura/Fechamento

Bernardo Zabalaga

Realização

Instituto Meyer Filho

Patrocínio

Edital Elisabete Anderle
de Estímulo à Cultura

Apoio

Universidade do Estado de Santa
Catarina, Museu da Escola Catarinense,
Universidade Federal de Santa Catarina

Agradecimentos

Sandra Meyer, Sandra Makowiecky, Joi,
Pousada Mar de Dentro, Fred Gorsky,
Juliana Schmidt, Nilton Santo Tirotti,
Carlos Franzoi, Ane Fernandes, Mery
Nunes, Josué Mattos, Daniele Zacarão,
Fabiola Scaranto, Karina Zen, Roberta
Tassinari, Fê Luz, Diego de los Campos,
Bill Luhmann, Joelson Buglia
e Bianca Tomaselli.



FUNCCULTURAL

